

O PROBLEMA DO TEMPO A PARTIR DE DUAS PERSPECTIVAS: AS LINHAS GERAIS DA FENOMENOLOGIA DE EDMUND HUSSERL E DA NEUROFENOMENOLOGIA DE FRANCISCO VARELA

THE PROBLEM OF TIME FROM TWO PERSPECTIVES: THE OUTLINES OF EDMUND HUSSERL'S PHENOMENOLOGY AND FRANCISCO VARELA'S NEUROPHENOMENOLOGY

Gabriel Dietrich¹

Recebido em: 11/2019
Aprovado em: 03/2020

Resumo: Desde a antiguidade o problema do tempo concentrou esforços das mais diversas tradições filosóficas e foi formulado e abordado de múltiplas maneiras. Dentre estas formulações e abordagens destaca-se a célebre fenomenologia do tempo inaugurada por Husserl no despontar do século XX. A partir da virada para o século XXI, esta fenomenologia foi incluída em um amplo e crescente movimento de aproximação com as ciências cognitivas. Neste contexto, esta inclusão justifica-se por duas razões internamente atreladas: por um lado, de acordo com Shaun Gallagher e Dan Zahavi, Husserl formulou adequadamente e também forneceu uma linha de resposta apropriada ao problema do tempo, evitando incorrer em uma série de dificuldades nas quais outras formulações e abordagens incorrem, e, por outro, suas descrições da dinâmica da estrutura tripartite da consciência interna do tempo são consistentes com a dinâmica dos processos neurofisiológicos que estão na base da experiência do tempo, conforme identificados pela neurofenomenologia de Francisco Varela. O objetivo geral deste trabalho é reconstruir as duas linhas de justificação da inclusão da fenomenologia de Husserl junto às ciências cognitivas. Mais especificamente, esta reconstrução consiste em inicialmente apresentar as dificuldades que orbitam o problema do tempo conforme outras formulações e abordagens, e que são enfrentadas por Husserl com o reconhecimento da estrutura tripartite da consciência interna do tempo, e, posteriormente, apresenta-la desde uma perspectiva neurofenomenológica. A hipótese interpretativa defendida neste trabalho é a de que a abordagem neurofenomenológica ao problema do tempo implica na abertura de um conjunto de questões e de potenciais consequências ontologicamente importantes.

Palavras-chave: Tempo, Fenomenologia, Neurofenomenologia, Husserl, Varela.

Since ancient times the problem of time has concentrated efforts of the most diverse philosophical traditions and has been formulated and approached in multiple ways. Among these formulations and approaches is the famous phenomenology of time inaugurated by Husserl in the dawn of the twentieth century. From the turn of the twenty-first century, this phenomenology was included in a broad and growing approach to the cognitive sciences. In this context, this inclusion is justified by two internally articulated reasons: on the one hand, according to Shaun Gallagher and Dan Zahavi, Husserl has adequately formulated and also provided an appropriate response line to the time

¹ Doutorado em andamento em Filosofia, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Brasil. Mestrado em Filosofia, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Brasil.

problem, avoiding a number of difficulties. in which other formulations and approaches incur, and, on the other hand, his descriptions of the dynamics of the tripartite structure of internal time consciousness are consistent with the dynamics of neurophysiological processes that underlie time experience, as identified by Francisco Varela's neurophenomenology. The general objective of this paper is to reconstruct the two lines of justification for the inclusion of Husserl's phenomenology in the cognitive sciences. More specifically, this reconstruction consists in initially presenting the difficulties that orbit the problem of time according to other formulations and approaches, and which are confronted by Husserl with the recognition of the tripartite structure of the internal consciousness of time, and then presenting it from a neurophenomenological perspective. The interpretative hypothesis defended in this paper is that the neurophenomenological approach to the time problem implies the opening of a set of questions and potential ontologically important consequences.

Key-words: Time, Phenomenology, Neurophenomenology, Husserl, Varela.

De modo algum pretendo oferecer esta análise como final; não pode aqui ser nossa tarefa resolver o mais difícil de todos os problemas fenomenológicos, o problema da análise do tempo.

E. Husserl, Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo, B, p. 286 *Husserliana* X, 1893-1917

O problema do tempo à luz da fenomenologia de Husserl: o presente vívido e a estrutura tripartite da consciência interna do tempo

Se a filosofia for vista a partir de seus problemas, então não é irrazoável pensar que em grande medida sua história se confundirá com a história do problema do tempo. Com efeito, a extensão do arco deste problema é ampla o suficiente ao ponto de incluir virtualmente todos os períodos da história da filosofia, de seu florescimento clássico na Grécia antiga até suas expressões contemporâneas mais recentes e metodologicamente diversificadas. Associado à amplitude do problema soma-se seu caráter enigmático: por um lado o tempo nos é familiar e próximo, por outro lado nos é estranho e distante. Na célebre formulação das *Confissões*, o enigma se abre a partir da pergunta: ao perguntar *o que é o tempo*, a familiaridade inicial colapsa e já não se está em condições de fornecer resposta alguma, com exceção, talvez, do reconhecimento deste enigma. Mas o que é propriamente perguntado quando se pergunta pelo tempo? Na virada do século XIX para o século XX, a pergunta pelo tempo foi posta no contexto do surgimento da psicologia experimental, e dentre as célebres formulações deste período encontra-se a versão fenomenológica de Edmund Husserl, que será o foco reconstrutivo desta seção.²

² Do ponto de vista das filosofias do tempo, este foi um período particularmente rico da história do problema, que concentrou os esforços de Brentano, Meinong, Lotze, James e Hodgson, para citar apenas alguns (ANDERSEN & GRUSH, 2009). Em relação a Hodgson cabe um destaque especial, pois sua abordagem seria uma espécie de profenomenologia na qual alguns aspectos da fenomenologia do tempo de Husserl seriam antecipados. Adicionalmente, também se o reconhece como o neurofenomenólogo original, pois ainda no século XIX teria

Inicialmente, é importante destacar algumas implicações que se seguem a partir da orientação fenomenológica de Husserl. Em primeiro lugar, assumir esta orientação significa suspender teorias prévias sobre a natureza do tempo.³ Esta suspensão visa restringir a descrição para aquilo e apenas aquilo que é dado para a consciência, evitando incorporar pressuposições, metafísicas ou outras, que sejam fenomenologicamente injustificadas. Assim, o modo como Husserl formula o problema do tempo implica uma importante inflexão ou giro de eixo em relação àquilo que é perguntado, pois não se procura determinar a natureza do tempo ou *o que* ele é, mas *o modo* como ele se apresenta para e a maneira *como* é experimentado pela consciência. De aí o qualificativo “interno” no título da preleção que inaugura a fenomenologia do tempo de Husserl, “Fenomenologia da consciência *interna* do tempo”. Aberto desde esta perspectiva, o problema do tempo é, por assim dizer, acessado e tematizado introvertidamente, isto é, a partir de uma perspectiva em primeira pessoa.

Desta atitude fenomenológica e da formulação da pergunta pelo tempo dela decorrente resulta inicialmente uma consequência filosoficamente importante, que é a rejeição de um ceticismo robusto em relação à temporalidade e experiência do tempo. Dito em termos condicionais, se ao formular o problema do tempo é trazida à baila a pergunta pelo modo como o experimentamos e como ele se nos apresenta, então junto desta formulação seria inconsistente assumir um compromisso cético que coloque em xeque a própria temporalidade da experiência. Assim, o problema não é *se* experimentamos o tempo ou se a experiência é temporal, mas *sim* como ela é possível, e o que significa propriamente esta qualificação temporal da experiência. Formulado enquanto um conjunto de perguntas, o problema do tempo à luz da fenomenologia de Husserl pode ser lido nas seguintes questões: O que significa experimentar o tempo e a temporalidade? De que modo são acessíveis e tematizáveis? Quais são suas condições de possibilidade?⁴ Qual a relação entre experiência e tempo? Antes de passar para uma linha de

reconhecido o papel constitutivo da base subpessoal dos processos neurológicos para a experiência do tempo (ANDERSEN, p. 79, 2017).

³ Varela afirma que na base da ciência cognitiva tradicional, caracterizada por individualismo metodológico e por tratar a cognição em termos de processos sintáticos e computacionais, está uma compreensão da natureza do tempo, legada pela física clássica, em termos de um segmento linear, como os segmentos de informação que constam nas máquinas de Turing (1999, pp. 267-268). A adoção deste conceito de tempo estaria na base de dificuldades e limitações do modelo tradicional. Considerando o contexto filosófico a partir do qual emerge a fenomenologia de Husserl, seria importante ver em que medida psicólogos e filósofos da temporalidade assumiram previamente em suas investigações conceitos determinados de tempo, e quais dificuldades e limitações eventualmente decorrem desta assunção para cada uma das respectivas abordagens.

⁴ Formulada desta maneira, a pergunta é criticamente ambígua, pois “possibilidade” pode visar tanto condições formais e transcendentais quanto condições materiais e causais. Em certo sentido, esta é uma ambiguidade que não se resolve, mas é explorada neste trabalho, uma vez que a recepção neurofenomenológica de Husserl articula restritivamente os dois domínios.

resposta husserliana a esse conjunto de perguntas, cabe aqui introduzir alguns exemplos nos quais a experiência e a temporalidade sofrem perturbações. Na medida em são casos excepcionais, pela via do contraste estes exemplos cumprem duas funções: por um lado enfatizam a ubiquidade e relevância da temporalidade, especialmente para a percepção e para a ação, e, por outro, permitem recolocar a pergunta por sua possibilidade junto de uma aproximação da fenomenologia de Husserl com as ciências cognitivas, que adiante será desdobrada mais detidamente.

Em *The Phenomenological Mind*, Dan Zahavi e Shaun Gallagher introduzem e discutem uma série de exemplos nos quais há a perturbação da temporalidade e de suas estruturas que atravessam a experiência. Dentre os exemplos, cabe mencionar a condição de *motion blindness*, causada por traumas ou lesões no cérebro, na qual a percepção visual é afetada de modo bastante curioso: apesar de as formas e as cores dos objetos serem percebidas normalmente, o indivíduo que sofre desta condição não consegue ver o movimento (GALLAGHER & ZAHAVI, p. 79, 2012). Assim, o campo de visão é abrupta e repentinamente reorganizado, não havendo percepção da fluidez do movimento. Naturalmente, ter esta condição implica dificuldades de várias ordens e modifica não apenas a experiência e a percepção, mas também a ação (imaginese, por exemplo, as possíveis limitações para a prática de esportes, ou em se atravessar uma avenida movimentada). Outro exemplo que cabe destacar é o de HM, um indivíduo que após uma cirurgia na qual fora retirada parte do cérebro perdeu sua memória recente (dos últimos dois anos) e ficou incapaz de memorizar o que quer que fosse por mais de alguns poucos minutos. Literalmente, HM ficou preso em um *looping* temporal que acarretou dificuldades impeditivas e profundas. De acordo com Gallagher e Zahavi, estes exemplos são importantes para destacar o papel que o tempo e a temporalidade cumprem na experiência, percepção e ação humanas (2012, p. 80). Além disso, considerando que os distúrbios mencionados decorrem de alterações significativas na estrutura do cérebro, sugere-se aqui um importante vínculo entre experiência temporal e determinada configuração neurofisiológica.

A linha de resposta husserliana àquele conjunto de perguntas pode ser inicialmente demarcada destacando um compromisso decorrente da adoção de uma orientação fenomenológica, a saber, o reconhecimento da estrutura intencional da consciência. Em linhas gerais, reconhecer o caráter intencional da consciência significa reconhecer a tese da correlação, isto é, a tese de que toda atividade da consciência e todos os seus atos estão intencionalmente dirigidos para objetos correlatos ou têm como correlatos objetos intencionais. Considerada em relação ao problema do tempo, a tese da correlação significa que a pergunta pelo tempo abre

duas dimensões internamente articuladas, pois diz respeito à temporalidade ou caráter temporal dos atos e da atividade da consciência, por um lado, e, por outro, diz respeito à temporalidade e caráter temporal de seus correlatos objetuais (BROUGH, p 83, 2017). Assim, na formulação husserliana colocar o problema do tempo significa colocar a pergunta pela possibilidade de a consciência relacionar-se intencionalmente a objetos temporais ou temporalmente estendidos, isto é, objetos com identidade e duração no tempo, que recobrem faixas ou intervalos de tempo. Desse modo, a tematização do tempo e da temporalidade assume um caráter indireto, pois o tempo e a temporalidade se apresentam e são acessíveis por meio de objetos temporalmente extensos (BROUGH, p. 83, 2017).

Exemplos de objetos temporalmente estendidos ou extensos são muitos e variados, e incluem estrelas cadentes, a partida de um navio do cais que suavemente desaparece no horizonte, uma sentença proferida, um poema declamado, uma melodia etc. A listagem destes exemplos é sugestiva, pois com eles são trazidas à tona experiências de objetos temporalmente estendidos cujos atos intencionais correlatos são percepções, visuais e auditivas. Mas o que significa e como é possível *perceber* objetos temporalmente extensos? Dada a tese da correlação, seria possível formular alternativamente esta questão nos seguintes termos: como a consciência deve ser estruturada para que seja consciente de objetos com identidade no tempo? Diante desta pergunta, Gallagher e Zahavi destacam diversas linhas de respostas possíveis, das quais a mais satisfatória é a oferecida pela fenomenologia de Husserl.

A primeira linha de resposta aduzida recorre para a tese da consciência contínua, que em linhas gerais significa reconhecer que o próprio ato perceptivo é temporalmente estendido assim como o seu objeto correlato (GALLAGHER & ZAHAVI, p. 80, 2012). Desde este modelo, a percepção de uma melodia começaria junto com e terminaria com a própria melodia, acompanhando perceptivamente em fases sucessivas as notas que compõem a melodia. Apesar de natural e intuitiva, esta resposta é problemática, pois a sucessão da consciência por si só não significa a consciência da sucessão. Dito de outro modo, perceber objetos temporalmente extensos significa que a consciência apreende duração e sucessão, identidade e unidade em intervalos de tempo, e não apenas fases sucessivas que seguem umas às outras continuamente. O exemplo da melodia é bastante auxiliar, pois para ouvir uma melodia é preciso que sejam ouvidas as notas como um todo unificado e integrado, e não apenas sucessivamente de modo contínuo, nota por nota isoladamente. Adicionalmente, se a consciência está restrita à percepção de um agora pontual e estático, e se ela é um fluxo sucessivo, então a percepção estaria restringida à percepção de uma cadeia sucessiva de “agoras” desconexos, estaria cativa, presa

no presente.⁵ Como a experiência da percepção de objetos não é adequadamente descrita nos termos desta teoria, é preciso deixá-la de lado e procurar outra via de resposta, uma que faça justiça à experiência da temporalidade, ao modo como experimentamos e se nos apresentam objetos temporalmente extensos.

Para contornar o problema da consciência contínua, Gallagher e Zahavi recorrem ao que ficou conhecido como princípio da consciência simultânea (2012, p. 81). Em linhas gerais, o princípio de consciência simultânea significa que o ato, por exemplo, a percepção, abarca mais do que o presente matemático ou estrito, uma fatia estreitíssima, o puro agora, mas envolve um horizonte ou um bloco temporalmente estendido, um “agora espesso” no interior do qual há “agoras mais finos”. Na literatura, esta faixa não-matemática e não-estrita do presente apreendida de um só golpe pelo ato, isto é, este presente espesso e com certa dimensão de profundidade é designado sob várias expressões, como “especioso” (James), “empírico” (Hodson) e “vívido” (Husserl). Além disso, o ato é entendido em termos pontuais, singulares e momentários: um ato momentário de perceber apanha um horizonte mais amplo do que aquilo relativo ao agora matemático ou estrito no qual está inserido. É importante que o ato seja momentário pois justamente é isto que possibilita a consciência apreender a duração e a sucessão como unidades dispostas temporalmente, e não como fatias ou lascas desconexas do presente continuamente apresentadas.

De acordo com Gallagher e Zahavi (p. 82, 2012), este princípio tem duas versões: uma que aceita que os conteúdos apanhados pelos atos são uma sucessão com extensão temporal real, e a outra que admite que o ato apanha todos os conteúdos sucessivos simultaneamente. Em relação a esta última, há um problema bastante básico, pois se os conteúdos são simultâneos não podem ser sucessivos, isto é, a sucessão pressupõe desdobramento contínuo em determinado intervalo de tempo. Em relação à primeira, o problema diz respeito aos conteúdos repetidos, pois a sucessão envolve uma gradação de intensidade daquilo que é experimentado, isto é, não é como se ouvir uma melodia significasse ouvir todas as notas em todos os momentos em igual grau de intensidade. Uma solução seria admitir que a consciência da sucessão de objetos temporalmente extensos envolve a *representação* do horizonte no qual está imerso, que poderia ser resultado ou da memória, na versão de Brentano, ou da imaginação, na versão de

⁵ Talvez a seguinte analogia seja auxiliar: desde este modelo, ao desdobrar-se do objeto temporalmente extenso corresponderia o desdobrar-se contínuo da consciência, e, assim como dois trens que correm lado a lado na mesma direção e velocidade, esta sincronia implicaria restrição ao presente, pois observadores dispostos em duas janelas que estão uma de frente para a outra e em movimento de velocidade e direção idênticos não perceberiam um o movimento do outro.

Reid (DAINTON, 2017). Assim, a percepção estaria dirigida para e restrita ao presente, mas com o ato adicional da memória ou da imaginação, se abriria um horizonte temporal no interior do qual o objeto poderia durar, ser temporalmente distribuído. Contudo, esta proposta acaba sendo insatisfatória por não reconhecer a *imediaticidade* da experiência da percepção de objetos temporalmente distribuídos e extensos em intervalos de tempo, o que também levanta suspeitas céticas que são fenomenologicamente desmotivadas.⁶ Mas como são possíveis as percepções de objetos como melodias, sentenças e estrelas cadentes, objetos que são experimentados como tendo uma determinada duração e unidade temporal?

A linha de resposta adotada por Husserl reconhece na própria estrutura da consciência a possibilidade da experiência temporal, isto é, de que a percepção esteja intencionalmente dirigida para objetos temporalmente estendidos e que são experimentados enquanto tais. Mais especificamente, trata-se de uma estrutura unificada que integra os momentos da impressão primária, da retenção e da protensão. Na medida em que Husserl reconhece que a consciência não está presa ou cativa no agora entendido como a fatia ou lâmina mínima do presente, mas captura intencionalmente objetos em horizontes temporais, o presente *qua* experimentado é caracterizado como “presente vívido”. No presente vívido há um ponto máximo de intensidade, a impressão primária, que é o centro da percepção, e há gradações horizontais ou periféricas, que são aquilo para que a retenção e a protensão estão intencionalmente dirigidas. É importante destacar que estes momentos estruturais não envolvem meta-cognição e não são reflexivos e ativos, mas passivos e pré-reflexivos, o que justifica fenomenologicamente a sua distinção irreduzível à memória ou à imaginação.⁷ Se estes momentos são estruturas formais da consciência, então todos os atos intencionais específicos serão formalmente determinados por eles, o que significa que a percepção, que é um ato intencional específico, está dirigida para um horizonte temporalmente complexo no interior do qual o objeto intencional é experimentado

⁶ O feixe de posições discutido por Gallagher e Zahavi é longa e detalhadamente discutido no verbete *Temporal Consciousness*, da *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Neste contexto, as três principais posições são caracterizadas como cinemática, retencional e extensional. Cada uma delas envolve modulações e variações, e cabe apenas destacar que em relação à fenomenologia de Husserl há discordância quanto a se seria melhor caracterizada em termos extensionalistas ou retensionalistas.

⁷ A fenomenologia da consciência de Husserl ainda destaca dois tipos de intencionalidade da consciência, a longitudinal e a transversal, que seriam responsáveis pelo difícil problema, algumas vezes caracterizado de paradoxo, da unidade em meio ao fluxo. Em relação à primeira, trata-se da estrutura intencional responsável por conferir identidade ao objeto ao longo do tempo, isto é, a possibilidade de que algo estando em no da consciência fluxo não se confunda e se dissolva no fluxo mesmo, mas mantenha sua própria identidade. O caráter fluído e corrente da consciência coloca o problema da possibilidade de um regresso ao infinito, que Husserl procura resolver com a intencionalidade longitudinal, que diz respeito ao contínuo de retenções, umas ligadas às outras, e que em última instância remetem à experiência, dado que formalmente está referida a passado e impressões primárias. Paralelamente, o horizonte do por vir é sempre protentivamente antecipado, o que implicaria a antecipação de experiências possíveis para a mesma consciência (GALLAGHER & ZAHAVI, p 88, 2012).

não apenas em termos de um presente estrito ou matemático, mas em termos de um presente vívido ou especioso.

Em sua versão inaugural e estática, a fenomenologia de Husserl reconheceu na impressão primária o momento mais importante da estrutura tripartite da consciência do tempo, pois a retenção e a protensão seriam analiticamente elucidadas por referência a ela. Em sua fase tardia e genética, contudo, a impressão primária foi reconhecida como o resultado da integração dinâmica entre retenção e protensão, dinâmica esta para a qual a protensão teria o papel decisivo. Recentemente, em meio a um amplo movimento de naturalização da fenomenologia, esta dinâmica entre momentos estruturais da consciência foi estendida para a análise dos processos dinâmicos neurofisiológicos que estão na base da experiência e que abrem outra perspectiva possível para se acessar o problema do tempo, a neurofenomenologia.

A consciência do tempo à luz da neurofenomenologia de Varela: sistemas dinâmicos integrados e o presente especioso

Na virada para o século XXI, Francisco Varela (pp. 266-314, 1999) propôs integrar a análise fenomenológica de Husserl do problema do tempo com a sua base biológico-neuronal, propondo assim uma abordagem neurofenomenológica à experiência do tempo. Para tanto, esta integração consiste em uma restrição mútua, pois tanto as descrições fenomenológicas em primeira pessoa são relevantes para a análise de processos subpessoais quanto as descrições em terceira pessoa dos ditos processos são relevantes para a análise das ditas descrições fenomenológicas (VARELA, pp. 305-306, 1999). Desse modo, este movimento de naturalização não busca reduzir a perspectiva do problema do tempo conforme apresentada por Husserl à sua base neurofisiológica. Em parte, esta redução é impedida em razão de a natureza dos processos em questão não ser estática ou linear, mas dinâmica e não-linear. Adicionalmente, esta integração neurofenomenológica dinâmica diz respeito a uma compreensão da cognição humana em termos enativistas, que em linhas gerais significa a recusa do tradicional modelo sintático de processamento de informação, e o reconhecimento de que o sistema cognitivo é um todo integrado que inclui articuladamente cérebro, corpo e ambiente (GALLAGHER, p. 93, 2017). Desde a perspectiva enativista, qualquer comportamento de um sistema cognitivo, por exemplo, perceber, pressupõe a integração entre ambiente, corpo e cérebro. Em uma palavra: perceber não é passivo, mas um comportamento cognitivo ativo, um modo engajado de se relacionar com algo, e para o qual a temporalidade é essencial.

O ponto de partida da neurofenomenologia de Varela é um movimento crítico em relação à fenomenologia de Husserl, pois mesmo que as descrições fenomenológicas da estrutura tripartite da consciência sejam aceitas como corretas, o exemplo tomado como fio condutor desta análise é excessivamente abstrato e não é exatamente adequado fenomenologicamente. Assim, Varela observa que ouvir uma melodia sempre envolve um contexto importante que constitui a experiência em questão, pois certamente a familiaridade com o tema e a acústica não são indiferentes e interferem na experiência (a depender da acústica, é preciso posicionar o corpo de certa maneira para ouvir melhor, por exemplo). Sendo assim, Varela propõe que o exemplo seja substituído pelas figuras duplas ou percepções multiestáveis (1999, p. 270). Em relação ao exemplo de Husserl conforme sua formulação original, as percepções multiestáveis permitem destacar o caráter ativo e corporificado da percepção, algo decisivo para a proposta enativista, e que tem relevância neurofenomenológica. Ao mesmo tempo, percepções multiestáveis ou figuras duplas ou ambíguas são especialmente adequadas na medida em que são objetos temporalmente extensos: perceber a figura como sendo o pato pressupõe que a experiência envolva duração e sucessão, pois ao perceber a ambiguidade e reconhecer o coelho, há uma sucessão de objetos intencionais que se estendem, duram por um período de tempo e se sucedem.

Tendo como pano de fundo os resultados da fenomenologia do tempo de Husserl, essa experiência da mudança da percepção de um objeto intencional *qua* pato para outro *qua* coelho implica uma complexa dinâmica entre impressão primária, retenção e protensão de modo a possibilitar o fluxo da experiência na qual um objeto intencional possui duração, extensão temporal e mudança. Por exemplo, ao olhar a figura ambígua e reconhecer um pato, a impressão primária estaria dirigida para esta figura, que também teria uma periferia ou horizonte para o qual a retenção e a protensão estariam intencionalmente dirigidas. Quando da identificação e percepção do coelho, o conteúdo destas estruturas é dinamicamente alterado, aquilo para o que a retenção estava antes dirigida pode agora passar a assumir a posição relativa à impressão primária, etc. Do ponto de vista neurofenomenológico, é de se esperar que esta dinâmica intencional tenha base neurofisiológica em processos subpessoais. Mais especifica e concretamente, Varela reconhece que à duração do presente vívido ou especioso deve corresponder, no nível subpessoal dos processos neurofisiológicos, um *frame* ou uma janela de simultaneidade. É importante antecipar que aqui radica e é possível identificar um traço metodologicamente importante do caráter integrador e mutuamente restritivo da neurofenomenologia, pois a duração do presente vívido é experimentada em primeira pessoa e

também integrada em processos subpessoais.

Em linhas gerais, a neurofenomenologia de Varela avança a partir de três hipóteses de trabalho que permitem estabelecer justificadamente a correspondência dinâmica entre o presente especioso e determinada configuração neurofisiológica (pp 274-277, 1999). Em conjunto, as três hipóteses oferecem o seguinte quadro: para um determinado ato cognitivo emergir, por exemplo, perceber, é preciso que haja um conjunto específico celular em sua base, conjunto este integrado e aberto, no sentido de que as células que compõem o conjunto específico possuem fortes relações recíprocas entre si, ainda que estejam integradas a outras. Desse modo, diferentes conjuntos e configurações celulares podem se formar, em uma complexa dinâmica que ao mesmo tempo reflete na experiência e é dela dependente. Neste ponto é preciso inserir duas importantes afirmações de Varela, a primeira diz respeito às escalas de tempo que correspondem a diferentes processos, dos neurofisiológicos e subpessoais àqueles experimentados em primeira pessoa, e também o caráter não-linear e dinâmico da integração destes processos.

Em relação às escalas de tempo, Varela apresenta três níveis (elementar, integrado e narrativo), sendo os dois primeiros especialmente importantes para a neurofenomenologia da percepção de objetos temporalmente extensos e do presente especioso (p. 273, 1999). O primeiro nível diz respeito aos processos subpessoais que são mensuráveis em escalas de milissegundos. Este nível corresponde à dinâmica intracelular de conjuntos de células, que são a base da emergência de qualquer ato cognitivo (VARELA, P. 274, 1999). O segundo nível diz respeito aos atos cognitivos, especificamente à percepção do tempo em termos de presente especioso. Este nível é mensurável em escalas que variam entre menos de um segundo e um pouco mais de um segundo.⁸ Por fim, a terceira escala de tempo, a narrativa, possui duração maior que a do presente especioso. É importante destacar que a estrutura destes níveis de processos e escalas temporais é caracterizada por Varela como *regressiva*. Em síntese, então, às três escalas de tempo correspondem diferentes processos dinamicamente integrados de modo não-linear. Na medida em que a pergunta posta é pela possibilidade da experiência de objetos temporalmente extensos e do presente especioso, o foco de Varela é posto nos dois primeiros

⁸ No verbete *The Specious Present: Further Issues*, da *Stanford Encyclopedia of Philosophy* são apresentadas várias tentativas de mensurar o presente especioso. Na literatura clássica, chegou-se a considerar que a duração do presente abarcaria cerca de 12 segundos (James). Atualmente, as discordâncias ainda persistem, mas aparentemente poucos aceitam que a experiência estendida do presente seja mais do que poucos segundos, o que poderia vir em favor da escala de Varela. No mesmo verbete a distinção entre tempo objetivo e subjetivo é apresentada de modo bastante elucidativo: do tempo experimentado, se diz que suas unidades são segundos* enquanto que o tempo objetivo tem em suas unidades segundos. Assim, para alguém que tem pressa os segundos* passam muito mais rápido do que os segundos.

níveis. Em verdade, é exatamente aqui que ele identifica a janela ou o *frame* de simultaneidade: a escala integrada *corresponde* ao presente vívido (VARELA, P. 277, 1999).

Dadas as três escalas e considerando a janela de simultaneidade, desde uma perspectiva neurofenomenológica é possível identificar os processos neurofisiológicos que estão na base da experiência do tempo. Na medida em que o sistema cognitivo é interpretado em termos enativistas, a integração entre processos subpessoais e pessoais é dinâmica e não-linear. As imagens multiestáveis cumprem um papel importante justamente por permitirem que a experiência seja temporalmente extensa de modo que alguém possa reconhecer duas figuras: sua duração e unidade em um período de tempo e sua sucessão. Este reconhecimento pressupõe que haja uma mudança cognitiva importante, que ocorre nas duas escalas temporais mencionadas. Em síntese, o ponto é identificar os correlatos neurofisiológicos que estão dinamicamente integrados à experiência e o seu fluxo temporal, que de acordo com Husserl é formalmente estruturado retentiva e protentivamente, e que desde a perspectiva neurofenomenológica são identificados em termos de agregados e conjuntos de células.

Em relação à retenção, Varela afirma que a reconfiguração de conjuntos celulares neuronais envolve mudança e preservação: o que ele denomina de “trajetórias retencionais” (pp. 282-285, 1999). A extremamente complexa rede de conexões neurofisiológicas que está atrelada à experiência, também está atrelada entre si de tal modo que sua reconfiguração e alternância não está apenas espacialmente distribuída, mas também temporalmente. Isso significa que se há dinâmica entre as escalas elementar e integrada, então os processos que ocorrem na segunda podem ser rastreados até a primeira. As fortes conexões recíprocas entre grupos celulares específicos que estão na base da experiência sofrem alternâncias que envolvem repetição, e isso é sugestivo de que trata-se da base neurofisiológica explicativamente responsável pela retenção. Desse modo, o que em primeira pessoa foi destacado por Husserl como uma estrutura interna triparte da consciência e que está na base da experiência da duração, sucessão e da unidade de objetos no tempo, é destacado neurofenomenologicamente por Varela em termos de processos dinâmicos. Em certo sentido, portanto, se poderia dizer que trata-se aqui de uma neurofenomenologia da dinâmica interna do tempo.

Varela não restringe sua análise neurofenomenológica apenas à experiência do presente especioso e da retenção, mas considera também a dinâmica neurofisiológica da protensão. Em relação à protensão, a afetividade cumpre um papel significativo, pois é responsável por abrir algo assim como uma atmosfera antecipativa no interior do qual algo se apresenta e é experimentado. Mais recentemente, Gallagher (2011) propõe que a protensão seja tomada como

a principal estrutura da temporalidade, e procura justificar esta proposta por meio de estudos de neo-natais, cujo esquema corporal já envolveria temporalidade. Esta proposta visa destacar o caráter intrinsecamente temporal não apenas da experiência humana, mas da ação. Assim, dada a centralidade do tempo para sistemas cognitivos, e dado o esforço de Husserl em elucidar as estruturas da temporalidade, a sua fenomenologia encontra um espaço para si no interior das ciências cognitivas.

Considerações finais

A dupla perspectiva em relação ao problema do tempo permite destacar diferentes vias de acesso a este mesmo problema. Por um lado, em sua versão fenomenológica husserliana, o tempo é tematizado a partir da estrutura tripartite da consciência que articula unificadamente os momentos da impressão primária, retenção e protensão. Em sendo uma estrutura formal, ela é invariante e sempre operante, o que significa que a experiência é temporalmente atravessada de ponta a ponta. O que passa por esta estrutura é variante e mutável, está no fluxo da experiência, mas o *como* e o *modo* da experiência e daquilo que é experimentado é sempre temporalmente matizado. Dada a tese da correlação, desde esta perspectiva os objetos experimentados são temporalmente determinados, e, no caso da percepção, é possível compreender como o presente vívido é fenomenologicamente possível. Por outro lado, reconhecendo os resultados desta análise fenomenológica, Varela propõe que sejam integrados com a dinâmica dos processos subpessoais neurofisiológicos que estão na base da experiência. Desse modo, a pergunta pela possibilidade da temporalidade da experiência e da percepção de objetos com sucessão e duração, com unidade e identidade em diferentes pontos do tempo, recebe uma resposta alternativa e integrada que encontra na constituição do próprio sistema cognitivo parte importante da resposta, naturalizando a análise de Husserl. Assim, mostra-se como o presente vívido é neurofenomenologicamente possível, o que talvez justificasse, desde uma perspectiva muito particular, a afirmação de que o ser humano é um animal metafísico, dada a sua relação incontornável com o tempo.

Considerando que a estrutura das escalas de tempo apresentadas por Varela é caracterizada como *regressiva*, é possível colocar a pergunta sobre em que consiste exatamente esta regressividade. Dado o caráter dinâmico, não-linear e integrado do sistema cognitivo, regressividade não significa redutibilidade, pois a experiência em primeira pessoa também é parte constitutiva da auto-organização que ocorre na escala elementar (a fluidez e oscilação da

percepção e dos objetos percebidos no presente vívido é a um só tempo reflexo da e refletida na oscilação das configurações dos grupos celulares que estão na sua base, como é possível identificar pelos experimentos que utilizam as figuras ambíguas e imagens multiestáveis). Aceitando não-redutivamente que a regressividade implica a possibilidade de ter escalas mais básicas que independem das menos básicas, e que da perspectiva enativista a cognição é resultado da integração de corpo, ambiente e cérebro, a pergunta sobre a possibilidade e qualidade da experiência de agentes cognitivos não humanos é posta sob uma perspectiva renovada. Formulado em termos interrogativos: assumindo que a experiência do tempo é resultado da integração dinâmica entre ambiente, corpo e cérebro, de que modo e em que medida é possível falar de experiência temporal para agentes cognitivos não-humanos que também tenham corpo, cérebro e estejam imersos em ambientes? Em que medida e de que modo a escala elementar e a escala integrada permitem fazer a passagem do sistema cognitivo humano para um sistema cognitivo não-humano? Em havendo ao menos as duas escalas em sistemas cognitivos não-humanos, seria razoável supor que seus atos perceptivos também podem ser descritos em termos de presente vívido, à maneira como é para o sistema cognitivo humano? E os correlatos dos comportamentos dos sistemas não-humanos, seriam eles temporalmente extensos, distribuídos em diferentes pontos do tempo e “experimentados” enquanto tais? E em relação ao abismo que afastaria humano da natureza em geral: o que poderia ser dito a partir da neurofenomenologia?

Este conjunto de questões abre um horizonte amplo de problemas ontologicamente importantes. A análise tardia do tempo de Husserl, na qual as impressões primárias são reconhecidas como resultado de uma integração dinâmica entre retenções e protensões, conduz este horizonte na direção de uma aproximação entre temporalidade e ação que possibilita identificar temporalidade já em fases pós-natais muito recentes, o que foi interpretado em termos de uma temporalidade intrínseca e inerente (GALLAGHER, p. 313, 2011). Ainda que não tenha sido mencionado até este ponto, no horizonte aberto pelo problema do tempo destaca-se Martin Heidegger e sua ontologia fundamental, na qual há uma espécie de simbiose entre ser e tempo. Como é bastante conhecido, o problema ontológico da vida emerge no interior do marco conceitual da ontologia fundamental, e envolve uma série de questões metodológicas delicadas a partir das quais os resultados mesmos da ontologia da vida passam por uma profunda autocrítica. Assim, há a possibilidade de ampliar ainda mais as perspectivas sobre os problemas abertos neste horizonte.

Referências bibliográficas

ANDERSEN & GRUSH, 2009, A Brief History of Time Consciousness: Historical Precursors to James and Husserl, *Journal of History of Philosophy*, 2009.

ANDERSEN, H. The Hodgsonian account of temporal experience, in *The Routledge Handbook of Philosophy of Temporal Experience*, 2017.

BROUGH, J. The wonder of time-consciousness, in *The Routledge Handbook of Philosophy of Temporal Experience*, 2017.

DAINTON, B. Temporal Consciousness, in *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. E The Specious Present: Further Issues, in *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, at <https://plato.stanford.edu/entries/consciousness-temporal/specious-present.html>

DOSTAL, R. Time and Phenomenology in Husserl and Heidegger, Robert Dostal, Cambridge in Companion to Heidegger, 2006.

GALLAGHER, S. Time in Action. in *Oxford Handbook of Philosophy of Time*, Oxford, 2011.

GALLAGHER S. & ZAHAVI D., *The Phenomenological Mind*, Routledge, 2012.

GALLAGHER, S., The Past, Present and Future of Time-Consciousness: From Edmund Husserl to Varela and Beyond, *Social Constructivism*, 2017^a.

GALLAGHER, S., Consciousness of Time and the Time of Consciousness, in *Reference Module in Neuroscience and Biobehavioral Psychology*, 2017^b.

GALLAGHER, S. Well-Trodden Path: from phenomenology to enactivism, *Shaun Gallagher Filosofisk Supplement*, 2018.

KORTMOOS, T. Phenomenology of Time: Edmund Husserl's Analysis of Time-Consciousness, *Phaenomenologica*, 2002.

VARELA, F. The Specious Present: a neurophenomenology of time consciousness, in *Naturalizing Phenomenology*, Stanford University Press, 1999.